

As formas de tratamento nas cartas pessoais da amostra família Arthur Reis

The Treatment Forms in Arthur Reis' Family Personal Letters

Edson Galvão Maia¹ 

E-mail: edson.galvao@ifam.edu.br

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. Manaus, AM, Brasil.

Flávia Santos Martins² 

E-mail: flaviasantos@ufam.edu.br

²Universidade Federal do Amazonas. Manaus, AM, Brasil.

Izete Lehmkuhl Coelho³ 

E-mail: izete.lehmkuhl.coelho@ufsc.br

³Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, Brasil.

Editores-chefes

Marcus Dores
Célia Lopes

Editoras convidadas

Isabel Seara
Renata Costa

Recebido: 29/09/2023

Aceito: 04/04/2024

Como citar:

MAIA, E.G.; MARTINS, F. S.; COELHO, I. L. As formas de tratamento nas cartas pessoais da amostra família Arthur Reis. Revista LaborHistórico, v.10, n.2, e61210, 2024. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v10i2.61210>

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo descrever as formas de tratamento (*tu, você, o(a) senhor(a)*) na posição de sujeito em 119 cartas pessoais da Amostra da Família Arthur Reis, escritas entre 1940 e 1980, extraídas do Projeto PHPB/AM. Como arcabouço teórico-metodológico, utilizamos a Sociolinguística Histórica (Romaine, 1982; Conde Silvestre, 2007) a qual se ampara na Teoria da Variação e Mudança (Wlh, 2006 [1968]; Labov, 1994). Nossa principal hipótese está relacionada à implementação do pronome *você* na escrita dos missivistas manauaras de diferentes faixas etárias. Esse uso deve estar ligado a fatores sócio pragmáticos como *relações assimétricas* e *simétricas* entre os interlocutores. Os resultados mostram que há variação das três formas de tratamento *tu, o(a) senhor(a)* e *você* na posição de sujeito.

Quando observamos a correlação entre as estratégias de referência à segunda pessoa do singular e as relações sociopragmáticas assumidas pelos remetentes e destinatários de três gerações, constatamos que nas relações assimétricas descendentes (pai/sogra → filha/nora) e nas relações simétricas (entre irmãos, cunhados e primos) observou-se uso alternado dos pronomes *tu* e *você*, já nas relações assimétricas ascendentes (filhos/netos → mãe/avó) uso exclusivo de *o(a) senhor(a)*. Notamos que *você* não conserva traços de formalidade associado a seu tratamento original (*Vossa Mercê*), pois não se alterna com o pronome *o(a) senhor(a)* nas relações assimétricas ascendentes. A alternância é observada apenas com o pronome *tu*, nas relações assimétricas descendentes e nas relações simétricas, marcando intimidade e familiaridade.

Palavras-chave:

Variação e mudança; Cartas pessoais; Formas de tratamento; Amazonas; PHPB/AM.

ABSTRACT:

This article aims to describe the address forms (you, mister) as subjects in a sample of 119 Arthur Reis' family personal letters written between 1940 and 1980 taken from the PHPB/AM Project. We followed the Historical Sociolinguistics (Romaine, 1982; Conde Silvestre, 2007) based on the Variation and Change Theory (Wlh, 2006 [1968]; Labov, 1994), as the theoretical-methodological approach to conduct the study. Our main hypothesis concerns the implementation of the pronoun *você* (you) on the written form of *manauaras'* writers with different ages. The implementation of the pronoun *você* may be related to social and pragmatical factors, such as symmetrical and asymmetrical relations among interlocutors. Results show the variation among you (*tu*), mister (*senhor/senhora*) and you (*você*) as subject. When we observe the correlation between strategies related to the second person singular and the socialpragmatic relations assumed by the senders and the addresses from three generations, we found that the descendent asymmetrical relations (father/mother-in-law → daughter/daughter-in-law) as well as in symmetrical relations (brothers and sisters; brothers-in-law and sisters-in-law; cousins), the alternate use of the pronouns *tu* (you) and *você* (you) was observed whereas in ascendent asymmetrical relations (children/grandchildren → mother/grandmother), the use of *senhora* (mister) was observed. We notice that *você* (you) does not maintain the formality traces related to the original pronoun *Vossa Mercê*, since it does not alternate with the pronoun *senhor/senhora* in ascendent asymmetrical relations. The alternation is only observed with the pronoun *tu* in descendent asymmetrical relations and symmetrical relations, thus showing intimacy and familiarity.

Keywords:

Variation and change; address forms related to the interlocutor; Arthur Reis' family sample; PHPB/AM.

Introdução

Neste artigo, com o intuito de investigar as formas de tratamento *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* na posição de sujeito, analisamos cartas pessoais da Amostra Família Arthur Reis, escritas entre 1940 e 1980. Nossa análise tem como foco principal compreender o processo gradual de implementação do pronome *você* na escrita de missivistas manauaras de diferentes gerações.

O referido fenômeno já vem sendo estudado no Português Brasileiro (PB) em dados de fala, sob a perspectiva sincrônica, desde a década de 1980 (Ramos, 1989; Loregian-Penkal, 1996, 2004; Rocha, 2012; Davet, 2013; Modesto, 2007; Andrade, 2010; Babilônia e Martins, 2011; Rocha, 2015; Costa, 2016; Silva e Gonçalves, 2018; Franceschini, 2021; dentre outros). No Amazonas, especificamente, encontramos os trabalhos de Martins, G. (2010), Babilônia e Martins, S. (2011) e Martins, S. e Martins, V. (2014). Os estudos citados mostram, de maneira geral, a variação sistemática entre as formas *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* condicionadas por variáveis externas e internas, como: *faixa etária*, *sexo*, *escolaridade*, *relação de hierarquia entre os interlocutores* (relação de poder: simetria, assimetria), *relação de solidariedade* (íntimo, não íntimo), *referência do pronome* (determinado, genérico), *paralelismo formal*, *preenchimento do sujeito pronominal*, *concordância verbal com o pronome tu* etc.

Em dados de escrita, sob a perspectiva sincrônica e diacrônica, encontramos, mais recentemente, alguns trabalhos mostrando o processo de variação e mudança nas formas de tratamento, sobretudo, entre os pronomes *tu* e *você* (Lopes, 2002, 2003; 2004; Coelho; Görski, 2011; Nunes de Souza, 2011; 2015; Nunes de Souza; Coelho, 2013; 2015; Grando, 2016; Lopes *et al.*, 2018, dentre outros), sendo condicionadas, especialmente, por variáveis externas, como: *relação entre os interlocutores* (poder e solidariedade), *faixa etária*, *temas das cartas* e *diatopia* e por variáveis internas como *preenchimento do sujeito pronominal*, *paralelismo formal*, *ordem do sujeito* etc.

No Amazonas, particularmente, encontramos o trabalho de Lira, Souza e Melo (2010) a respeito do fenômeno em questão. Os autores investigam a alternância entre as formas *tu* e *você/VM^{CE}* na segunda metade do século XX em cartas comerciais da empresa de aviação J.G. Araújo. Como se observa, há muito ainda a se conhecer sobre o português escrito registrado no Amazonas. Destaca-se que, desde 2019, há um grupo de pesquisadores que deu início ao projeto de pesquisa intitulado Para a História do Português do Amazonas (PHPB/AM)¹. Através desse projeto, já se vem construindo um banco de dados de escrita referente aos séculos XIX e XX. A amostra Família Arthur Reis compõe o acervo do Projeto PHPB/AM.

Para essa investigação, buscamos, então, responder às seguintes questões:

¹ O projeto PHPB/AM foi aprovado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em maio de 2019. Os três autores deste artigo fazem parte do referido projeto.

- Há variação no uso das formas de tratamento na escrita registrada no Amazonas?
- Quais condicionadores linguísticos e extralinguísticos estariam atuando no uso das formas de tratamento?
- Como se dá o processo de implementação do pronome *você* na escrita de missivistas manauaras de diferentes gerações?

Para tanto, investigamos as formas *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)* na posição de sujeito em 119 cartas pessoais extraídas da Amostra Família Arthur Reis, escritas entre as décadas de 1940 e 1980. Nossa principal hipótese está relacionada à implementação do pronome *você* na escrita dos missivistas no curso do tempo. Esse uso deve estar ligado a fatores sócio Pragmáticos como *relações assimétricas* e *simétricas* entre os interlocutores e *faixa etária* dos missivistas. Acreditamos que o pronome *você* comece a ser usado pelos mais jovens, gradativamente, em dois contextos sociais: (i) nas relações simétricas e assimétricas descendentes, alternando-se com o pronome *tu*; e (ii) nas relações assimétricas ascendentes, alternando-se com o pronome *o(a) senhor(a)*.

A investigação aqui proposta está amparada na Sociolinguística Histórica (cf. Romaine, 1982, Conde Silvestre, 2007), a qual se fundamenta nos pressupostos gerais da Teoria da Variação e Mudança (cf. Wlh, 2006 [1968]). Tais fundamentos baseiam-se no entendimento de que as mudanças são guiadas por forças internas e por forças externas ligadas às dimensões temporais, espaciais, sociais e/ou estilísticas.

Assumimos as premissas principais da Teoria da Variação e Mudança, discutidas sob a égide da Sociolinguística Sincrônica: (i) a variação é inerente ao sistema linguístico; (ii) toda mudança implica historicamente variabilidade e heterogeneidade linguística; (iii) a mudança linguística é gradual; (iv) há correlações entre processos de variação e mudança linguística e fatores linguísticos e sociais; (v) métodos quantitativos podem ajudar a explicar a variação e a mudança linguísticas.

Este artigo está organizado da seguinte forma: na Seção 1, discutimos os pressupostos teórico-metodológicos que embasam este trabalho; na Seção 2, trazemos os resultados de trabalhos a respeito do uso de *tu*, *você* e *o(a) senhor(a)*, na escrita do PB, com intuito de situar o português escrito do Amazonas no Brasil; na Seção 3, apresentamos os procedimentos metodológicos e, por fim, na Seção 4, descrevemos a análise das formas de tratamento em cartas pessoais da Amostra Família Arthur Reis.

Pressupostos teórico-metodológicos

O processo de variação e mudança linguísticas tem intrigado muitos linguistas desde a agenda de pesquisa proposta por Weinreich, Labov e Herzog, no texto clássico *Fundamentos Empíricos para uma Teoria de Mudança Linguística* apresentado no Simpósio “Direções para a Linguística Histórica” que ocorreu na Universidade do Texas em 29 e 30 de abril de 1966. Segundo os autores, o entendimento desse

processo consiste na observação da implementação de uma mudança na língua, em um determinado momento, sua transição de um estado a outro, seu encaixamento nas estruturas linguísticas e sociais onde emerge e sua avaliação social pelos falantes.

As questões relacionadas ao uso da linguagem e aos usuários da língua são muito relevantes aos estudos de variação e mudança linguísticas. Quando um período de tempo considerável separa aqueles a serem estudados daqueles que os estudam, precisamos investigar as fases anteriores de um sistema linguístico, tentando responder a algumas questões gerais.

1. Quando e onde surgiram as formas novas nos diferentes contextos de uso?
2. Como as mudanças estão encaixadas na matriz de outras mudanças e em eventos da vida dos indivíduos investigados?
3. Quem eram as pessoas que promoviam mudança e qual era seus *status* social?
4. Como a avaliação dos usos, antigos e novos, mudou ao longo do tempo?

Essas questões correspondem em grande parte àquelas levantadas por Wlh (2006 [1968]). As duas primeiras questões estão ligadas com o problema de transição e difusão de mudanças no indivíduo e na comunidade, a terceira com inserção dessas formas novas na sociedade e a quarta com sua avaliação social.

Tais problemas fundamentam a disciplina de Sociolinguística Histórica que nasce com Suzanne Romaine, em 1982, quando a autora analisa em um período de mais ou menos vinte anos (entre 1530 e 1550) os processos de variação do marcador relativo no escocês médio, usando métodos de análise da Sociolinguística Variacionista. Seu estudo inclui variações linguísticas e estilísticas, com base em categorias como gênero oficial, não oficial e epistolar prosa e verso. Resultados dos estudos de Romaine (1982) mostram que gêneros discursivos como drama e cartas são mais propensos a promover inovações linguísticas do que a escrita de documentos oficiais. A grande vantagem de lidar com manuscritos pessoais, segundo a autora, é a possibilidade de, na maioria dos casos, delinear o perfil sociocultural daqueles que produziram esses textos.

Carta pessoal foi o gênero escolhido neste artigo sobre os pronomes de tratamento por propiciar o reconhecimento do contexto social dos períodos em que foi escrito e as relações sociopragmáticas entre os interlocutores, através de marcas que possibilitem entender as relações de intimidade e/ou de formalidade direcionadas a pessoas próximas ou distantes (família, amigos, colegas de trabalho etc.) e os temas cotidianos ou profissionais a elas relacionados.

Vale registrar que a Sociolinguística Histórica trabalha com amostras parciais e limitadas, naturalmente enviesadas, que sobreviveram à ação do tempo por acaso. Segundo Conde Silvestre (2007, p. 35-36), os dados do passado são insatisfatórios, porque são conservados em meio escrito, “muitas vezes isolados e desprovidos dos

componentes do contexto e situação em que se originaram”, são “meros restos de *corpus* textuais muitíssimo mais amplos” e nem sempre está assegurada a produção de falantes de todos “os níveis sociais das comunidades históricas”. É preciso, portanto, como diz Labov (1994), fazer o melhor uso desses “maus dados”, dispondo de uma amostra significativa para analisar o processo de variação e mudança linguísticas de sincronias passadas.

Não se pode perder de vista as especificidades da Sociolinguística Histórica quanto aos materiais de análise, aspectos metodológicos e amplitude dos resultados. Essa disciplina atém-se a sincronias passadas, analisando a variação e a mudança linguísticas em dados de escrita, e, em muitos casos, mudanças já conhecidas. Tenta reconstruir as informações sociais, guiando-se por dados históricos. São escrituras, em geral, representativas de grupos alfabetizados da comunidade, predominantemente produzidas por pessoas de *status* médio ou alto². As especificidades de análise de dados sob essa perspectiva ensejam novos desafios de natureza metodológica para o estudo da mudança. Neste artigo, usamos as evidências fornecidas por cartas pessoais da Amostra Família Arthur Reis relacionadas ao uso linguístico das formas de tratamento ao interlocutor e ao contexto social em que tais formas foram produzidas, a fim de reconstruir, na medida do possível, o português amazonense escrito em meados do século XX. Três fatores extralinguísticos são controlados: *década* em que as cartas foram escritas, *relações sociais* e *pragmáticas* entre os interlocutores e *faixa etária* dos missivistas.

Quando controlamos a faixa etária como uma variável extralinguística estudada, inevitavelmente falamos em uma variável complexa em relação à ordem social, “uma etapa, uma condição, um lugar na história” (Eckert, 2007, p. 151). Essa ordem social pode ser captada em sincronias passadas, ao lidar com documentos escritos por indivíduos de diferentes gerações. A Amostra Família Arthur Reis, nesse sentido, é um importante acervo, pois é composta por cartas pessoais escritas por indivíduos de uma mesma família de diferentes faixas etárias em diferentes momentos do tempo.

Pela complexidade dos fatores sociais a que corresponde, a *idade* cronológica, como outras variáveis sociais, como *escolaridade*, *mercado de trabalho* e *gênero*, é apenas um indicador aproximado de um composto de fatores heterogêneos. O desafio para a Sociolinguística Histórica, particularmente para o estudo da variação e mudança, é separar esses vários – e às vezes conflitantes – fatores. O indivíduo ou grupo de falantes de determinada idade em qualquer momento representa simultaneamente um lugar na história e uma etapa da vida.

Partimos, portanto, das evidências do presente, em que se observa variação das formas de tratamento ao interlocutor na variedade manauara para as evidências

² Os documentos antigos foram escritos em geral por homens escolarizados, dada a discriminação secular da mulher e a falta de acesso à educação formal.

deixadas no tempo, particularmente em missivas escritas por membros da família de Arthur Reis, de diferentes idades, com base nos métodos oferecidos pela disciplina Sociolinguística Histórica.

Estudos sobre as formas de tratamento no português brasileiro

No Brasil, inúmeros trabalhos têm sido realizados a fim de compreender quais variáveis condicionam o uso das formas de segunda pessoa na posição de sujeito. Nesta seção, apresentamos, principalmente, a discussão que Lopes *et al.* (2018) fazem a respeito do referido fenômeno sob uma perspectiva diatópico-diacrônica, a fim de obtermos um panorama representativo do PB. Além disso, trazemos os resultados descritos por Lira, Souza e Melo (2010) a respeito de Manaus (AM), na região norte.

Para uma discussão diatópico-diacrônica, Lopes *et al.* (2018) partem da análise de cartas pessoais registradas, durante os séculos XIX e XX, em três regiões brasileiras: sudeste (Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo), sul (Santa Catarina) e nordeste (Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte). Os resultados discutidos pelos autores são provenientes de estudos realizados pelo Projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB).

É importante destacar que os dados das amostras analisadas não são efetivamente comparáveis dada a história local de cada área a qual permite a coleta de diferentes documentos históricos. De maneira geral, toda a amostra é composta por cartas de cunho pessoal, subdividas em cartas trocadas entre amigos, entre membros de uma mesma família e cartas de amor.

A seguir, no Quadro 1, ilustramos os resultados apresentados e discutidos por Lopes *et al.* (2018) a respeito da região nordeste:

Quadro 1. Distribuição diatópica e diacrônica dos estudos a respeito das formas de tratamento na posição de sujeito realizados no nordeste do Brasil.

	Nordeste		
	BA	PE	RN
Descrição do Corpus	383 cartas extraídas da coleção Cartas Brasileiras. Recorte temporal: 1810 a 1990.	123 cartas provenientes da Fundação Joaquim Nabuco (Recife). Recorte temporal: 1869 a 1969	304 cartas. Recorte temporal: 1916 a 1994.
Perfil dos remetentes (letramento)	Ilustres e não ilustres. Grau superior: variante culta. Grau intermediário: semicultas. Grau primário: variante popular e semipopular.	Ilustres e com alto grau de instrução: médicos, políticos, diplomatas, professores, promotores, escritores, etc.	Ilustres e não ilustres; Com alto e baixo grau de instrução.
Resultado geral	Você: 41%	Você: 80%	Você: 84%

		Nordeste		
		BA	PE	RN
		Tu: 1%	Tu: 18%	
		Vossa Excelência: 47%	Vossa Mercê: 1%	Tu: 9%
		Vossa Senhoria: 3%		
		O senhor: 4%	O Senhor: 1%	A senhora: 5%
		Vossa Mercê (Vosmecê): 1%		
		Vós: 3%		
Resultado geral: tempo	1810 a 1859:	Década de 1870:	Década de 1910:	
	Vossa Excelência: 40%	Você: 8%	Você: 92%	
	Vossa Senhoria: 60%	Tu: 92%	Tu: 8%	
	1860 a 1899:	Década de 1880:	Década de 1920:	
	Vossa Excelência: 82%	Você: 85%	Você: 100%	
	Vossa Senhoria: 3,7%	Tu: 15%		
	Você: 14,3%			
	1990 a 1929:	Década de 1890:	Década de 1930:	
	Você: 92%	Você: 80%	Você: 100%	
	O Senhor: 5%	Tu: 20%		
	Vossa Excelência: 2%			
	Vossa Senhoria: 1%			
	1930 a 1959:	Década de 1900:	Década de 1940:	
	Você: 50%	Você: 42%	Você: 38%	
	O Senhor: 50%	Tu: 58%	Tu: 62%	
		Década de 1910:	Década de 1950:	
		Você: 95%	Tu: 100%	
		Tu: 5%		
	1960 a 1999:	Década de 1920:	Décadas de 1970 e 1980:	
	Você: 100%	Você: 68%	Você: 100%	
		Tu: 32%		
		Décadas de 1930 a 1960:	Década de 1990:	
		Você: 100%	Você: 97%	
			Tu: 3%	
Preenchimento do Sujeito	As formas pronominais <i>tu</i> e <i>vós</i> no singular aparecem categoricamente como sujeito nulo, enquanto as formas de base nominal como sujeito expresso.	—	<i>Tu</i> é mais incidente como sujeito nulo, enquanto <i>você</i> , de maneira geral, é mais frequente como sujeito expresso a partir da década de 1920.	

	Nordeste		
	BA	PE	RN
Tipos de Relações (relações de poder): assimétricas (ascendentes e descendentes) e simétricas.	A forma <i>você</i> parece ter passado a fazer parte do quadro de tratamento da segunda pessoa a partir de relações assimétricas descendentes e simétricas.	<i>Você</i> se generaliza em todos os tipos de relações e o <i>tu</i> em relações assimétricas (mais solidárias).	Predomínio de <i>você</i> em todas as relações controladas (assimétricas e simétricas). Uso exclusivo de <i>o senhor</i> em relações assimétricas ascendentes (filho-mãe) nos anos 1940. O emprego marginal de <i>tu</i> em cartas de amor como estratégia de intimidade (1940 a 1950).
Grau de Parentesco (relações de solidariedade)	<i>Você</i> é utilizado, preferencialmente, em relações mais solidárias.	<i>Tu</i> em relações íntimas entre casais e <i>você</i> prevalece em qualquer grau de parentesco.	<i>Tu</i> em relações mais solidárias (entre casais, cartas familiares e cartas de amor), enquanto <i>você</i> nas relações menos e mais solidárias (cartas familiares, amigos e de amor).
Gênero	—	Todas as ocorrências de <i>vossa mercê</i> e <i>o(a) senhor(a)</i> foram identificadas nas cartas de missivistas masculinos e adultos. E há uma frequência maior de <i>tu</i> em cartas de missivistas masculinos (relação pai-filho).	A forma <i>a senhora</i> é utilizada por um missivista masculino a sua mãe (década de 1940). O <i>tu</i> é frequente no gênero feminino em cartas endereçadas ao namorado/noivo.

Fonte: elaboração própria.

Conforme se observa no Quadro 1, as três cidades da região nordeste investigadas caracterizam-se pelo uso da forma *você* para se referir à segunda pessoa do singular. Ao longo do tempo, na Bahia, essa forma aparece desde a segunda metade do século XIX e coexiste com outras formas de base nominal (*Vossa Excelência* e *Vossa Senhoria*). Em Pernambuco, a forma *você* surge na década de 1870, também na segunda metade do século XIX, concorrendo com a forma *tu*. E, por fim, no Rio Grande do Norte, considerando que o estudo aborda apenas o século XX, a forma *você* já aparece desde a primeira década desse século com grande incidência.

No Quadro 2, a seguir, ilustramos os resultados obtidos para as cidades investigadas na região sudeste:

Quadro 2. Distribuição diatópica e diacrônica dos estudos a respeito das formas de tratamento na posição de sujeito realizados no sudeste do Brasil.

	Sudeste		
	SP	MG	RJ
Descrição do <i>Corpus</i>	67 cartas referentes ao seguinte recorte temporal: 1870 a 1929.	89 cartas produzidas entre 1850 e 1989.	366 cartas escritas entre o período de 1870 a 1979 proveniente do <i>corpus</i> de Souza (2012).
Perfil dos remetentes (letramento)	Ilustres e mais escolarizados: políticos de renome, famílias abastadas, etc.	Ilustres e mais escolarizados: poetisa mineira, escritores mineiros, etc. Não ilustres: anônimos	Ilustres (maioria) e não ilustres.
Resultado geral	Você: 46% Tu: 41% O(a) senhor(a): 10% Vossa Senhoria: 2% Vossa Excelência: 1%	Você: 84% Tu: 12% Vossa mercê: 4%	Você: 50% Tu: 50%
Resultado geral: tempo	1870 a 1879: Você: 67% Tu: 33%	Décadas de 1850 a 1879: Você: 40% Vossa mercê: 60%	Fase 1 (1870 a 1899): Você: 16% a 31%. Tu: 69% a 84%
	1880 a 1889: Você: 50% Tu: 50%	Décadas de 1900: Você: 88% Tu: 12%	
	1890 a 1899: Tu: 100%	Década de 1910: Você: 94% Tu: 6%	
	1900 a 1909: Você: 49% Tu: 51%	Década de 1920 Você: 95% Tu: 5%	Fase 2 (1900 a 1939): Você: 41% a 47% Tu: 53% a 59%
		Década de 1930 Você: 37% Tu: 63%	
	1910 a 1919 Você: 67% Tu: 33%	Década de 1940 Você: 91% Tu: 9%	
		Década de 1950 Você: 98% Tu: 2%	
	1920 a 1929: Você: 50% Tu: 50%	Década de 1960 a 1980: Você: 100%	Fase 3 (1940 a 1979): Você: 98% a 100% Tu: 0 a 2%.
Preenchimento do Sujeito	Todas as ocorrências de <i>tu</i> se dão em forma nula e as de <i>você</i> em sua maioria por pronome pleno (84%).	—	<i>Você</i> aparece em sua maioria como sujeito pleno (67%) e <i>tu</i> aparece como sujeito nulo (85%).

	Sudeste		
	SP	MG	RJ
Tipos de Relações (relações de poder): assimétricas (ascendentes e descendentes) e simétricas.	Simétricas e solidárias: <i>tu</i> e <i>você</i> ocorrem de forma equilibrada. Assimétrica: quanto maior o reconhecimento da diferença assimétrica entre os interlocutores, maior o uso de <i>o(a) senhor(a)</i> e <i>vossa excelência</i> e menor o uso de <i>tu</i> e <i>você</i> .	<i>Vossa mercê</i> restringe-se a segunda metade do século XIX nas relações assimétricas ascendentes (filho-mãe, afilhado-padrinho, sobrinho-tio). <i>Você</i> assume o espaço ocupado por <i>tu</i> nas relações assimétricas descendentes e simétricas.	Na primeira fase, o emprego de <i>tu</i> era mais frequente que <i>você</i> , principalmente, nas relações simétricas e de maior intimidade. Na segunda fase, o emprego de <i>você</i> ainda marcava certa deferência seja de sobrinha-tia e filho-mãe. Nas relações descendentes, o uso mais produtivo é de <i>tu</i> nas cartas das tias e mães para seus sobrinhos e filhos.
Grau de Parentesco (relações de solidariedade)	O <i>tu</i> é um pouco mais frequente em relações mais solidárias (entre primos, amigos, cunhados, sogro-genro) marcando maior intimidade.	<i>Você</i> foi amplamente disseminado sedimentando a semântica da solidariedade, sobretudo, no século XX.	<i>Você</i> ocupa o lugar de <i>tu</i> com o passar tempo e se difunde como uma estratégia neutra para qualquer situação (mais solidário e menos solidário).
Gênero	—	—	As mulheres aparecem como pioneiras na generalização de <i>você</i> desde o século XIX. Por hipótese, o <i>tu</i> seria íntimo demais para ser empregado numa carta feminina na sociedade oitocentista. Entre homens prevalece o <i>tu</i> mesmo em relações assimétricas.

Fonte: elaboração própria.

De acordo com o Quadro 2, podemos verificar que as cidades da região sudeste apresentam um comportamento diferente em relação aos dados gerais de *tu* e *você*, enquanto em SP e RJ há um equilíbrio entre essas formas, em MG há predomínio da forma *você*. É importante destacar no que diz respeito a São Paulo que a amostra estudada vai até a década de 1920. No decorrer do tempo, observa-se que nas três cidades a forma *você* aparece desde a segunda metade do século XIX e prevalece sobre as demais a partir de 1910 em SP, de 1900 em MG e de 1940 no RJ.

No Quadro 3, que segue, ilustramos os dados encontrados para a região sul:

Quadro 3. Distribuição diatópica e diacrônica dos estudos a respeito das formas de tratamento na posição de sujeito realizados no sul do Brasil.

	Sul	
	SC	
	Florianópolis	Lages e Florianópolis
Descrição do <i>corpus</i> e Perfil dos remetentes (letramento)	37 cartas de missivistas ilustres de Florianópolis: final do século XIX (1880 e 1890) e final do século XX (1987 a 1992).	Não ilustres. 34 cartas de missivistas não ilustres, da década de 1960 (Florianópolis) e das décadas de 1950, 1970 a 1980 (Lages).
Resultado geral	Tu: 96% Você: 4%	Florianópolis: Tu: 65% Você: 34% Lages: Tu: 16% Você: 83%
Resultado geral ao longo do tempo × preenchimento do sujeito	1880 a 1890 (Amostra C.S.): Nulo: Você: 0% Tu: 76% Preenchido: Tu: 24% Você: 0%	Década de 1960 (Florianópolis): Nulo: Tu: 90% Você: 44% Preenchido: Tu: 10% Você: 50%
	1980 a 1990 (Amostra H.L.): Nulo: Tu: 91% Você: 0% Preenchido: Tu: 9% Você: 100%	Décadas de 1950, 1970 a 1980 (Lages): Nulo: Tu: 73% Você: 34% Preenchido: Tu: 27% Você: 66%
Tipos de Relações (relação de poder): assimétricas (ascendentes e descendentes) e simétricas × Grau de Parentesco (relação de solidariedade)	Na amostra H.L, na qual aparece <i>você</i> , essa forma é utilizada para tratar de assuntos mais profissionais e o <i>tu</i> para questões mais pessoais. Ressalta-se que nessa amostra o remetente escreve para sua tradutora francesa.	—
Gênero	—	—

Fonte: elaboração própria.

Conforme o Quadro 3, em SC observamos dois contrastes: i) o uso conservador do pronome *tu* como sujeito nulo pelos missivistas ilustres de Florianópolis e o uso variável dos pronomes *tu* nulo e *você* expresso pelos não ilustres; ii) o uso majoritário do pronome *tu* por não ilustres de Florianópolis e do pronome *você* por não ilustres de Lages, evidenciando uma variação diatópica.

No que tange aos fatores extralinguísticos que condicionam o uso das formas de tratamento aqui investigadas na posição de sujeito, observa-se em todas as regiões analisadas por Lopes *et al.* (2018) que os *tipos de relações* estabelecidas entre remetente e destinatário (relações de poder), o *letramento* e os *graus de parentesco* (relações de solidariedade) são importantes para compreendermos o valor sociopragmático que cada forma tem em cada uma das cidades estudadas.

Na região norte, encontramos o trabalho realizado por Lira, Souza e Melo (2010) em Manaus a partir das cartas comerciais da Empresa de Aviação J.G. Araújo dirigidas a pessoas jurídicas a respeito do uso dos pronomes *tu* e *você/Vm^{cc}* e formas pronominais correlacionadas. Para esse trabalho, foram analisadas 125 cartas referentes ao período de 1879 a 1893, nas quais foram registrados 237 dados de pronome de 2ª pessoa do singular na posição de sujeito, sendo 72 de *tu* (30%), 161 de *Vm^{cc}* (67%) e 4 de *você* (1%).

No que tange ao *preenchimento do sujeito*, observou-se que o pronome *tu* ocorre mais como sujeito nulo (94%) e as formas de base nominal *você* e *Vm^{cc}* ocorrem mais como sujeito expresso (100% e 81%, respectivamente).

Diferentemente do que ocorre em outras regiões brasileiras, os dados que se têm sobre Manaus, no norte do Brasil, mostram grande incidência da forma de base nominal *Vm^{cc}* na mesma época em que em outras regiões prevalecia o uso de *tu* ou *você* (segunda metade do século XIX). Acredita-se que tal resultado a respeito de Manaus reflita a formalidade do gênero analisado: cartas comerciais. No entanto, no que se refere aos resultados do *preenchimento do sujeito*, os resultados de Lira, Souza e Melo (2018) se assemelham aos das demais regiões: *tu* nulo e *vossa mercê* e *você* expressos.

Nota-se, que em algumas regiões analisadas por Lopes *et al.* (2018), há registro da forma *o(a) senhor(a)*. No material aqui em análise, iremos observar uma grande utilização dessa forma, principalmente, na relação assimétrica ascendente entre os membros da família (filhos e mãe, por exemplo). Sobre esse assunto, Ramos (2011) argumenta que este item passou por um processo de gramaticalização no Português Brasileiro: nome > pronome. A fonte da forma *o senhor*, atualmente funcionando como pronome de segunda pessoa, é um nome social. Inicialmente, designava o filho mais velho de proprietários de terra; em seguida, também passou a designar nobres e fidalgos por conta da posse de terras tida como privilégio. Como se pode observar, tal situação “demarca distanciamento social entre os interlocutores” (RAMOS, 2011, p. 73). Dessa forma, *o senhor* se configurou como título, isto é, um nome, uma

expressão honorífica. Ramos (2011), a partir da análise de três *corpora*, identificou que o processo de gramaticalização de *o senhor* ocorreu nos séculos XIX e XX no português e foi favorecida pela posição sintática de vocativo.

Com base nesse panorama, tencionamos observar qual a forma de tratamento, *tu, o(a) senhor(a), você*, é mais produtiva no português escrito no Amazonas a fim de marcarmos sua distribuição diatópica em relação ao PB. Além disso, procuramos verificar se os condicionadores que atuam em outras regiões do Brasil são os mesmos nos dados aqui investigados.

Procedimentos metodológicos

Os dados analisados, neste artigo, foram extraídos das cartas pessoais da família Arthur Reis, datadas das décadas de 40 a 80 do século XX. Essa amostra está disponível em sua forma física na Biblioteca Arthur Reis que fica no Centro Cultural Povos da Amazônia, em Manaus³ e compõe o *corpus* mínimo comum do projeto *Para a História do Português do Amazonas – PHPB (AM)*.

Dessa amostra, foram selecionadas 119 missivas trocadas entre membros da família e amigos. Em relação aos destinatários, a maioria dessas cartas são enviadas a Graziela Reis (esposa de Arthur Reis) por seus filhos, irmãos, sobrinhos, netos e amigos, além de poucas cartas destinadas ao casal ou aos filhos e amigos da família, conforme se observa no Quadro 4, a seguir:

Quadro 4. Tipos de relações na Amostra da Família Arthur Reis.

Tipos de Relação	Relação	Remetente	Destinatário	Número de cartas	Anos
Relação Assimétrica descendente	Pai	Raymundo	Graziela Reis	5	1940 a 1941
	Sogra	Emília	Graziela Reis	16	1940 a 1946
Relações assimétricas ascendentes	Filho	José Augusto	Graziela Reis/ Graziela e Arthur	14	1954 a 1980
	Filha	Iria	Graziela Reis	23	1950 a 1989
	Filha	Vanja	Graziela Reis	5	1953 a 1966
	Filha	Miriam	Graziela Reis	4	1954 a 1966
	Filho	Ruy	Graziela Reis	5	1954 a 1957
	Sobrinha	Mimar	Graziela Reis	1	1952
	Sobrinho	Álvaro	Graziela Reis	3	1952
	Neta	Márcia Reis	Graziela e Arthur	1	1966

³ Optamos por manter a identificação dos nomes dos missivistas neste artigo já que esse acervo foi doado pela família ao Governo do Amazonas que o disponibilizou em uma Biblioteca Pública.

Tipos de Relação	Relação	Remetente	Destinatário	Número de cartas	Anos
Relações Simétricas	Nora	Maria da Graça	Graziela Reis	4	1960
	Afilhada	Elza	Graziela e Arthur	1	1944
	Mãe	Graziela Reis	Filhos de Graziela e Arthur	1	1953
	Irmão	Raymundo	Graziela Reis	2	1940 e 1950
	Irmã	Sisi	Graziela Reis	1	1966
	Irmã	Alésia	Graziela Reis	2	1941
	Irmã	Heloísa	Graziela Reis	9	1940 a 1952
	Irmão	Edgar	Graziela Reis	8	1940 a 1946
	Cunhada	Isaura	Graziela Reis	5	1940 a 1954
	Primo	Raimundo	Graziela Reis	1	1958
	Prima	Judith	Graziela Reis	1	1944
	Amigo	Santana	Graziela Reis	1	1955
	Amigo	Paulo	Graziela Reis	1	1940
	Amiga	Esther	Graziela Reis	1	1940
	Amiga	Carlota	Graziela Reis	2	1940 e 1941
	Amiga	Gégé	Graziela Reis	1	1941
	Amigo	Arthur Reis	Robério Braga	1	1989 ⁴
	Total		27	4	119

Fonte: elaboração própria.

É importante informar que a amostra aqui utilizada foi digitalizada pela equipe do PHPB/AM⁵ e está disponível em um *drive*. Além disso, foi toda transcrita conforme as normas de edição semi-diplomática propostas pelo Projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB). Após a transcrição, foram extraídos os dados referentes à segunda pessoa do singular na posição de sujeito. Das 119 cartas analisadas, salientamos que em 18 não havia dados de P2, o que resultou em 101 cartas analisadas de 24 missivistas. Por esse motivo, as cartas das missivistas Elza (afilhada), Graziela e Mimar (sobrinha) não foram consideradas na análise, conforme será observado na seção 4.

⁴ A carta não tem data assinalada, mas pelo conteúdo se refere ao ano da 2ª edição do livro *História do Amazonas*, pois Arthur escreve um agradecimento ao amigo pelo prefácio do livro.

⁵ Vale ressaltar que no Acervo da Biblioteca Arthur Reis há ainda cartas a serem digitalizadas.

Biografia de Arthur Reis

Para falarmos da amostra da família aqui analisada, daremos destaque à biografia de Arthur Reis, pois é sobre ele que encontramos vasta informação considerando sua importância política para o Estado do Amazonas, ao passo que sobre os demais membros não foi possível levantar informações além das que encontramos nas cartas a respeito dos tipos de relação (cf. Quadro 4). O que sabemos é que a família deixou de residir em Manaus há muito tempo, não se tendo, assim, notícias de familiares vivos.

De acordo com o *site*⁶ do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IGHB), Arthur César Ferreira Reis nasceu em Manaus em 08 de janeiro de 1906. Ele é filho de Vicente Torres Reis e Emília Ferreira Reis. É importante destacar que seu pai era jornalista⁷ e escritor teatral.

Em relação à sua formação, Arthur Reis fez o curso primário e secundário em Manaus e graduou-se pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro (hoje UFRJ) em 1927.

Acerca de sua atuação profissional, destaca-se: exerceu o magistério de história iniciado em 1928 em colégios de Manaus; foi diretor do Departamento de Educação e Cultura do Amazonas; representante da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico nacional (PA, 1940); superintendente do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA, 1953/1955); diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (IPEA, 1950/1958); diretor do Departamento de História e Documentação do Estado da GB (1961); governador do Estado do Amazonas (1964 a 1967); presidente e membro do Conselho Federal de Cultura; membro da Comissão de Textos de História do Brasil do MRE; sócio grande-benemérito do IHGB; jornalista colaborador em várias revistas e redator chefe do Jornal do Comércio; escritor de mais de 200 artigos, inúmeros prefácios e livros⁸.

Como se observa, em sua atuação, Arthur Reis residiu em Manaus, Belém e no Rio de Janeiro. Na amostra de cartas aqui analisada, observa-se a troca de missivas entre familiares e amigos que residiam, por vezes, separados em uma dessas cidades.

Arthur Reis faleceu em 7 de fevereiro de 1993 na cidade do Rio de Janeiro.

O envelope de variação

Para realizar a análise das formas de tratamento ao interlocutor nas cartas pessoais da Amostra Família Arthur Reis, primeiramente transcrevemos e editamos todas as 119 missivas; em seguida, destacamos todas as sentenças com os pronomes *tu*,

⁶ Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/acfreis.html>, consultado em 25 de agosto de 2023.

⁷ Ele foi dono de um dos jornais mais antigos e que ainda está em funcionamento no Amazonas, o Jornal do Commercio.

⁸ Em sua maioria sobre História e Geografia da região amazônica.

o(s) senhor(a) e *você* nulos e expressos na posição de sujeito. Os exemplos a seguir ilustram esses usos.

1. *Estou ansiosa por notícias tuas, peço-te que me **escrevas** pelo primeiro avião, dando-me boas novas.* [Trecho da carta de Heloísa a sua irmã Graziela Reis, em 01/02/1941]
2. *Tenho a impressão que **a senhora** quando voltar para a terra natal, extranhará, não a terra é claro, mas a vida calma.* [Trecho da carta de Rui a sua mãe Graziela Reis, em 25/09/1957]
3. *Querida Grazi, não me alongo mais porque **você** não deve ter animo para nada.* [Trecho da carta de Isaura a sua cunhada Graziela Reis, em 16/07/1940].

Nossa variável dependente “as formas de tratamento *tu*, *o(s) senhor(a)* e *você* na posição de sujeito” foi analisada, considerando as seguintes variáveis independentes extralinguísticas e linguísticas⁹:

- i. Décadas em que as cartas foram escritas: 1940, 1950, 1960 e 1980;
- ii. Missivistas;
- iii. Relações sociopragmáticas entre remetente e destinatário: simétrica, assimétrica descendente e assimétrica ascendente;
- iv. Preenchimento do sujeito pronominal: nulo e expresso;
- v. Paralelismo entre as formas de sujeito pronominal.

Nas 101 cartas analisadas, encontramos 246 ocorrências das formas de tratamento *tu*, *o(a) senhor(a)* e *você* na posição de sujeito. Essas ocorrências foram categorizadas com base nas variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas em planilhas do Excel e, em seguida, submetidas ao Programa estatístico GoldVarb 2001¹⁰. Os resultados da análise são apresentados na próxima seção.

Os resultados

A análise estatística das 246 ocorrências de formas de tratamento *tu*, *o(a) senhor(a)* e *você*, encontradas nas cartas escritas por membros da família Arthur Reis, mostrou

⁹ Em um primeiro momento, foi analisada a variável linguística concordância verbal com o pronome *tu*. Essa variável foi excluída da rodada estatística, uma vez que todas as 69 ocorrências de sujeito *tu* (28%) apresentaram marcação verbal explícita de concordância de segunda pessoa.

¹⁰ GoldVarb 2001 é uma versão para Windows do pacote estatístico Varbrul. Foi elaborado especialmente para análise multivariada de dados de variação sociolinguística (GUY; ZILLES, 2007).

que 69 ocorrências são formas de sujeito *tu* (28%), 126 formas de sujeito *o(a) senhor(a)* (51%) e 51 formas de *você* (21%), conforme visualizamos no Gráfico 1 a seguir.

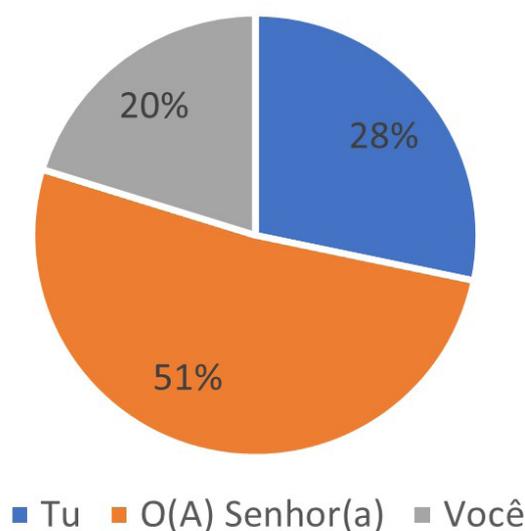


Gráfico 1. As formas de tratamento na Amostra Família Arthur Reis.
Fonte: Elaboração própria.

Essas formas de tratamento ao interlocutor estão assim distribuídas por décadas em que as cartas foram escritas:

Tabela 1. Formas de tratamento na posição de sujeito, segundo a variável década.

Décadas das cartas	Formas de tratamento		
	TU	O(A) SENHOR(A)	VOCÊ
1940	63/104 = 61%	–	41/104 = 39%
1950	6/105 = 6%	96/105 = 91%	3/105 = 3%
1960	–	30/33 = 91%	3/33 = 9%
1980	–	–	4/4 = 100%
Total	69/246 = 28%	126/246 = 51%	51/246 = 21%

Fonte: elaboração própria.

Os resultados indicam variação dos pronomes *tu* e *você* na década de 1940, de *tu*, *o(a) senhor(a)* e *você* na década de 1950 e dos pronomes *o(a) senhor(a)* e *você* na década de 1960. Na década de 1980, apenas formas de sujeito *você* foram encontradas. Os índices mostram três quadros: (i) uma frequência alta do pronome *o(a) senhor(a)* em duas décadas; (ii) decréscimo do pronome *tu* de uma década a outra (61% > 6%) e uma aparente instabilidade do pronome *você* (38%, 3%, 9% e 100%) nas quatro décadas investigadas. O pronome *você*, porém, apesar de presente em todas as décadas é pouco produtivo. Nossa hipótese é de que o tempo cronológico é atravessado pelas relações sociais e pragmáticas entre os interlocutores.

Para entendermos melhor esse quadro, observamos, então, o efeito das relações de assimetria e de simetria encontradas nas cartas.

Tabela 2. Formas de tratamento na posição de sujeito, segundo as relações sociopragmáticas entre os interlocutores.

Relações entre os interlocutores	Formas de tratamento		
	TU	O(A) SENHOR(A)	VOCÊ
Relações assimétricas descendentes (pais e sogros → filhos e genros)	26/58 = 45%	–	32/58 = 55%
Relações assimétricas ascendentes (filhos, netos, sobrinhos e noras/ genros → pais, avós, tios e sogros)	2/126 = 2%	124/126 = 98%	–
Relações simétricas (entre irmãos, primos e amigos)	41/62 = 66%	2/62 = 3%	19/62 = 31%
Total	69/246 = 28%	126/246 = 51%	51/246 = 21%

Fonte: elaboração própria.

Com respeito a esses resultados, os índices mostram que as relações entre os interlocutores seguem a hierarquia social de uma sociedade conservadora, com uma frequência bastante significativa da forma de tratamento *o(a) senhor(a)*. Nas relações assimétricas descendentes (pais e sogros → filhos e genros), disputam as formas *tu* e *você*, nas relações assimétricas ascendentes (filhos, netos e sobrinhos → pais, avós e tios) a forma pronominal *o(a) senhor(a)* é a majoritária e nas relações simétricas (entre irmãos, cunhados, primos e amigos), a alternância entre *tu* e *você* também é visível. Particularidades desses usos podem ser observadas nos resultados detalhados da tabela a seguir.

Tabela 3. Formas de tratamento na posição de sujeito por missivista, segundo as relações sociais entre os interlocutores.

Relações entre os interlocutores	Relação	Remetente	Número de cartas	Formas de tratamento		
				TU	O (A) SENHOR(A)	VOCÊ
Relações assimétricas descendentes	Pai	Raymundo	5	9/9 = 100%	–	–
	Sogra	Emília	15	17/48 = 35%	–	31/48 = 65%
Relações assimétricas ascendentes	Filho	José Augusto	10	–	32/32 = 100%	–
	Filha	Iria	19	–	51/51=100%	–
	Filha	Vanja	5	–	15/15=100%	–
	Filha	Miriam	4	–	7/7=100%	–

Relações entre os interlocutores	Relação	Remetente	Número de cartas	Formas de tratamento		
				TU	O (A) SENHOR(A)	VOCÊ
	Filho	Ruy	5	—	11/11=100%	—
	Sobrinho	Álvaro	3	2/7 = 29%	5/7 = 71%	—
	Neta	Márcia Reis	1	—	1/1 = 100%	—
	Nora	Maria da Graça	2	—	2/2 = 100%	—
Relações simétricas	Irmão	Raymundo	2	1/1 = 100%	—	—
	Irmã	Sisi	1	—	—	3/3 = 100%
	Irmã	Alésia	2	6/7 = 86%	—	1/7 = 14%
	Irmã	Heloísa	7	17/18 = 94%	—	1/18 = 6%
	Irmão	Edgar	7	12/12=100%	—	-
	Cunhada	Isaura	5	1/4 = 25%	—	3/4 = 25%
	Primo	Raimundo	1	—	1/1 = 100%	—
	Prima	Judith	1	—	—	2/2 = 100%
	Amigo	Santana	1	—	1/1 = 100%	—
	Amigo	Paulo	1	4/4 = 100%	—	—
	Amiga	Esther	1	—	—	1/1 = 100%
	Amiga	Carlota	1	—	—	1/1 = 100%
	Amiga	Gégé	1	—	—	3/3 = 100%
	Amigo	Arthur Reis	1	—	—	4/4=100%
Total		24 missivistas	101 cartas	69/246 = 28%	126/246 = 51%	51/246 = 21%

Fonte: elaboração própria.

De acordo com os índices da Tabela 3, nas relações assimétricas descendentes endereçadas a Graziela, o pai usa apenas formas de *tu* (100%) e a sogra alterna formas de *tu* (35%) e de *você* (65%), o que mostra que *você* nesse caso, assume o valor pragmático do pronome *tu*, em um tratamento descendente de superior para inferior, como ilustram os exemplos a seguir.

4. *Deus te abençoe e te dê muita vida para criares os teus filhinhos.* [Trechos da carta de Raymundo para sua filha Graziela Reis, em 7/5/1940]
5. *Eu sei a dor e a saudade que sentes d'elle* [Trecho da carta do sogra Emília para a nora Graziela Reis, em 09/12/1945]
6. (...) *voce com a criançada que tem não pode costurar, porque ou costura, ou olha para as creanças* [Trecho da carta do sogra Emilia para a nora Graziela, em 01/02/1940]

Nas cartas escritas por Emília a sua nora Graziela, encontram-se trechos em que a missivista escreve se dirigindo diretamente aos netos, dando a eles o tratamento exclusivo de *você*.

7. a) [Iria] *Quando **você** precisar de qualquer | coisa; escreva-me pedindo.*
 - b) [José] ***Você** não precisa de nada?*
 - c) [Ruy] ***Recebeu** os lapis e cadernos?*
 - d) [Miriam] ***Gostou** das pulseiras? O que quer mais?*
- [Trechos da carta do sogra Emília para a nora Graziela, 19/10/1940]

Nas relações assimétricas ascendentes, o uso do pronome *o(a)senhor(a)* é predominante nas missivas enviados pelos filhos e netos à mãe e avó Graziela, revelando a estratégia de respeito usada entre diferentes gerações. Já o sobrinho alterna as formas de tratamento nas missivas enviadas à tia, usando os pronomes *a senhora* e *tu*. Dado o número reduzido de cartas escritas por ele à tia (apenas três cartas), não foi possível verificar se essa alternância estava relacionada ao assunto da carta ou a alguma outra estratégia discursiva. Os exemplos abaixo ilustram os pronomes encontrados nas relações assimétricas ascendentes.

8. ***A senhora** deve ter sabido pelo papai que estive doente, com gripe* [Trecho da carta de Iria a sua mãe Graziela Reis, em 29/09/1954]
9. *Dona Graziela, gostaria que **a senhora** me mandasse as medidas da Eliane* [Trecho da carta de Maria da Graça a sua sogra Graziela Reis, em 14/09/1960]
10. *É que **a senhora** parece se sentir bem em ser bôa* [Trecho da carta de Alvaro a sua tia Graziela Reis, em 02/08/1954]

É nas relações simétricas que encontramos mais variação das formas de tratamento ao interlocutor. Dos cinco irmãos que escrevem para Graziela, dois usam apenas o pronome *tu*, dois alternam *tu* e *você*, às vezes em uma mesma carta, e um deles usa apenas o pronome *você*. Nas cartas escritas pela cunhada, encontra-se também uso alternado dos pronomes *tu* e *você*. Nas cartas dos primos, o uso diferenciado de tratamento chama a atenção: o primo se dirige a Graziela apenas com o pronome *a senhora* e a prima apenas com o pronome *você*. Talvez, essa distinção de tratamento esteja atrelada ao fato de haver mais cordialidade nas missivas trocadas entre mulheres (mulher → mulher) e mais formalidade nas missivas trocadas entre pessoas de sexos diferentes (homem → mulher). Mas apenas dois missivistas não bastariam para confirmar essa nossa hipótese. Algo que se deve destacar é que o primo de Graziela escreve de Lisboa, cidade onde trabalha e estuda, podendo sua escrita, assim, estar influenciada pelo tratamento mais cerimonioso utilizado em Portugal.

Ainda, nas relações simétricas, as missivas trocadas entre os amigos e Graziela revelam uso exclusivo de formas: um amigo usa apenas o tratamento *a senhora*, um apenas o tratamento *tu* e quatro amigos apenas o tratamento *você*. Os dados dessas correspondências são, porém, escassos (apenas nove ocorrências), o que não nos permite fazer generalizações. Vale lembrar que a carta escrita por Arthur Reis (marido de Graziela) é endereçada ao amigo Robério Braga, escrita em 1989, basicamente no final do século XX. Nessa missiva de Arthur, o uso do pronome *você* é categórico.

Os exemplos abaixo dão rosto aos usos variados das formas de tratamento nas relações simétricas.

11. (...) *ficarei muito grata se **você** fizer esta obra de caridade a tua irmã que tanto á estima.* [Trecho da carta de Sisi a sua irmã Graziela Reis, em 08/02/1966]
12. *No entanto, como **tu és** extremamente bondosa, perdoa o mano portuguez e fica sciente que esse dia não foi aqui esquecido.* [Trechos da carta de Edgar a sua irmã Graziela Reis, em 19/05/1943]
13. ***Você** deve saber já que o nosso mano José Francisco está sendo derrotado.* [Trecho da carta de Isaura a sua cunhada Graziela Reis, em 9/10/1954]
14. *Lastimo que **tenhas** andado adoentada bem como o meu querido Arthur.* [Trecho da carta de Paulo e Isaura a sua amiga Graziela Reis, em 19/05/1940]
15. *para agradecer a você, o prefacio que **escreveu** para segunda edição da minha “História do Amazonas”* [Trechos da carta de Arthur Reis a seu amigo Robério Braga a sua irmã Graziela Reis, em 1989]

A partir de uma análise mais pormenorizada, agora só com membros da família Reis, consideramos os usos pronominais variados com base na correspondência endereçada apenas a Graziela pelas diferentes gerações: 1^a. geração: pai e sogra; 2^a. geração: irmãos, cunhados e primos; 3^a. geração: filhos e netos, de acordo com as relações sociopragmáticas entre os interlocutores, como podemos observar nos índices expostos na Tabela 4.

Tabela 4. Detalhamento das formas de tratamento na posição de sujeito, segundo o membros da família Arthur Reis por geração.

Relações sociais entre as gerações	Formas de tratamento		
	TU	A SENHORA	VOCÊ
Pai/sogra → filha/nora (1 ^a . geração)	26/57 = 46%	–	31/57 = 54%
Entre irmãos, cunhados e primos (2 ^a . geração)	37/48 = 77%	1/48 = 2%	10/48 = 21%

Relações sociais entre as gerações	Formas de tratamento		
	TU	A SENHORA	VOCÊ
Filhos e netos → mãe e avó (3ª. geração)	–	117/117 = 100%	–
Total	45/167 = 25%	117/167 = 70%	5/167 = 5%

Fonte: elaboração própria.

Os resultados das formas de tratamento escolhidas pelas três gerações da família Reis sinalizam novamente para a hierarquia das relações e para o conservadorismo da sociedade manauara em três décadas: 1940, 1950 e 1960. Na 1ª. geração, exemplificada aqui nas cartas escritas pelo pai e pela sogra, na década de 1940, o pronome *tu* é de uso categórico na escrita do pai e alterna-se com o pronome *você* nas missivas da sogra. Quando a correspondência se dá entre os irmãos, cunhados e primos, membros da 2ª. geração, o pronome *tu* é o mais frequente, alternando-se com o pronome *você*. Essas correspondências são escritas ao longo de três décadas, 1940, 1950 e 1960. A 3ª. geração, ilustrada nas cartas escritas pelos filhos e netos à mãe e avó Graziela nas décadas de 1950 e de 1960, usa categoricamente o pronome a *senhora*. Todos eles escrevem cartas apenas a ela, o que explica esse uso categórico de um pronome de respeito e mais formalidade. Por hipótese, como o pronome *você* já fazia parte do sistema linguístico dos membros da família da 1ª. e da 2ª. gerações, poderia também ter sido usado pelos membros da 3ª. geração se tivessem escrito a irmãos ou amigos, em uma relação simétrica. Nota-se, portanto, que o uso das formas de tratamento entre as gerações, considerando-se aqui que são diferentes faixas etárias em jogo, são atravessadas pelas relações sociais.

Quando a nossa análise se volta para os fatores linguísticos, duas variáveis se mostram importantes: *preenchimento do sujeito pronominal* e *paralelismo das formas de sujeito* no interior de uma mesma carta. Vejamos os resultados da primeira variável.

Tabela 5. Formas de tratamento na posição de sujeito, segundo a variável linguística preenchimento do sujeito pronominal.

Preenchimento do sujeito pronominal	Formas de tratamento		
	TU	O(A) SENHOR(A)	VOCÊ
Sujeito nulo	68/69 = 98%	46/126 = 37%	20/51 = 39%
Sujeito expreso	1/68 = 2%	80/126 = 63%	31/51 = 61%
Total	69/246 = 28%	126/246 = 51%	51/246 = 21%

Fonte: elaboração própria.

Esse uso reflete o padrão linguístico da variável *preenchimento do sujeito* encontrado em outras regiões brasileiras. O pronome *tu* é majoritariamente usado como sujeito nulo, em 98% dos casos, enquanto os pronomes *o(a) senhor(a)* e *você* são usados

preferencialmente como sujeitos expressos, com 63% e 61%, respectivamente. Os exemplos a seguir ilustram esses usos.

16. *Estou rogando a Jesus que **estejas** juntamente com todos os teus gozando saude.* [Trechos da carta de Heloísa para sua irmã Graziela Reis, em 30/08/1953]
17. *A **senhora deve** ter sabido pelo papai que estive doente, com gripe.* [Trecho da carta de Iria a sua mãe Graziela Reis, em 29/09/1954]
18. *Estou certa que **Você desculpará** estas faltas e não irá pensar que esqueci as horas de convívio amigo.* [Trecho da carta de Gegé a sua amiga Graziela Reis, em 05/03/1941]

Verificamos, por último, se os missivistas alternam ou não o uso pronominal de sujeito em uma mesma carta.

Tabela 6. Formas de tratamento na posição de sujeito, segundo a variável linguística paralelismo de formas do sujeito pronominal.

Paralelismo de formas do sujeito pronominal	Formas de tratamento			Total
	TU	O(A) SENHOR(A)	VOCÊ	
Formas paralelas (sujeitos iguais)	35/191 = 18%	119/191 = 62%	37/191 = 20%	191/246 = 78%
Formas não paralelas (sujeitos diferentes)	34/55 = 62%	7/55 = 13%	14/55 = 25%	55/246 = 22%
TOTAL	69/246 = 28%	126/246 = 51%	51/246 = 21%	246

Fonte: elaboração própria.

Os resultados mostram nitidamente que *sujeitos iguais* é o padrão mais recorrente na maioria das cartas da Amostra Família Arthur Reis, indicando uniformidade de tratamento na escrita dos missivistas em 191 das 246 ocorrências, o que corresponde a 78% do total. Formas de *sujeito não paralelas* foram observadas na escrita de apenas cinco missivistas, em 55 ocorrências (22%). Os exemplos, a seguir, mostram a alternância de tratamento dentro de uma mesma missiva.

19. (...) *vi por ella que já **estás** boa e engordando. **Faz** bem em engordar pois **ficas** muito melhor e mais bonita gorda.* [Trechos da carta de Emília para sua nora Graziela Reis, em 02/01/1941]
20. ***Voce** já está bem habituada aí não é verdade? (...) **Continuas** a gostar de cinema?* [Trechos da carta de Alesia a sua irmã Graziela Reis, em 21/05/1941]
21. *Pois justificava em parte, o que, superficialmente, **poderias** taxa-la de desconsideração o que certamente não tenho para à **senhora*** [Trechos da carta de Álvaro para sua tia Graziela Reis, em 07/12/1952]

Com uma frequência relativamente baixa, as cartas também trazem outras evidências de não paralelismo, especialmente entre imperativos ligados a formas associadas e *você*, que a prescrição gramatical vai considerar como formas de subjuntivo, e pronomes clíticos e possessivos associados a *tu* (*te*, *teu/tua*), conforme o exemplo (22), a seguir. O mais recorrente nesses casos é também a uniformidade de tratamento, como em (23), reforçando o conservadorismo linguístico da época.

22. *Receba com saudoso abraço de tua mana que te quer imenso* [Trechos da carta de Heloísa para sua irmã Graziela Reis, em 01/02/1941]

23. *Imagine a senhora, que chegou a conta do gás marcando Cr\$1.084,90 e eu li 1.849,00.* [Trechos da carta de Vanja para sua mãe Graziela Reis, em 04/09/1957]

Considerações finais

Procuramos, neste artigo, investigar as formas de tratamento ao interlocutor usadas em 101 cartas pessoais da Amostra Família Arthur Reis, no curso de quatro décadas, entre 1940 e 1980. Embora estejamos cientes das diferenças quanto à história particular de cada um dos missivistas, conseguimos responder às nossas perguntas iniciais.

Os resultados mostram que há variação no uso de três formas de tratamento *tu*, *o(a) senhor(a)* e *você* na posição de sujeito na escrita manauara, semelhantemente ao que acontece em outras regiões brasileiras (cf. seção 2). Essas formas foram analisadas com base em fatores sócio Pragmáticos e linguísticos, como *relação entre os interlocutores*, *faixa etária/geração*, *preenchimento do sujeito* e *paralelismo linguístico*.

Quando observamos a correlação entre as estratégias de referência à segunda pessoa do singular e as relações sociopragmáticas assumidas pelos remetentes e destinatários de três gerações, constatamos que nas relações assimétricas descendentes (pai/sogra → filha/nora) e nas relações simétricas (entre irmãos, cunhados e primos) observou-se uso alternado dos pronomes *tu* e *você*, já nas relações assimétricas ascendentes (filhos/netos → mãe/avó) uso exclusivo de *o(a) senhor(a)*. A forma pronominal *você* não conserva traços de formalidade associado ao tratamento original (*Vossa Mercê*), pois não se alterna com o pronome *o(a) senhor(a)* nas relações assimétricas ascendentes. A alternância é observada apenas com o pronome *tu*, nas relações assimétricas descendentes e nas relações simétricas, marcando intimidade e familiaridade. Nossa principal hipótese é, portanto, apenas parcialmente atestada.

Quando analisamos os fatores linguísticos, observamos que as formas de tratamento usadas nas cartas refletem o padrão linguístico da variável *preenchimento do sujeito* encontrado em outras regiões brasileiras, com uso do pronome *tu* majoritariamente

nulo e dos pronomes *o(a) senhor(a)* e *você* preferencialmente expressos. Em relação à variável *paralelismo linguístico*, os resultados mostram que *sujeitos iguais* (ou formas paralelas) é o padrão mais recorrente na maioria das cartas da Amostra Família Arthur Reis, indicando conservadorismo e uniformidade de tratamento.

Sobre o uso da forma *você* na escrita de missivistas manauaras de diferentes gerações, não há como observarmos sua implementação, haja vista que esse pronome já aparece na escrita de Emília (sogra de Graziela) na década de 1940 em uma relação assimétrica descendente. Considerando apenas a *faixa etária* de Emília, podemos pressupor que essa forma tenha se implementando em décadas anteriores. Ressalta-se que nessa geração, no *corpus* aqui analisado, não temos muitas cartas mostrando outros tipos de relações, como simétricas e assimétricas ascendentes. Além disso, quando se trata de relações assimétricas ascendentes, o material que temos é, em sua maioria, dos filhos para sua mãe, carecendo, assim, de dados dos outros tipos de relações (simétricas e assimétricas descendentes). Provavelmente, uma análise mais robusta de dados, ilustrando diferentes relações sociopragmáticas em um mesmo período de tempo, poderá nos ajudar a constatar quando a forma *você* começou a ser registrada na escrita manauara e com qual estratégia sociopragmática.

Referências

- ANDRADE, C. Q. *Tu e mais quantos? – A segunda pessoa na fala brasiliense*. 2010. 135 f.; Dissertação (Mestrado em Linguística) – UnB, Brasília, 2010.
- BABILÔNIA, L.; MARTINS, S. A. A influência dos fatores sociais na alternância tu/você na fala manauara. *Guavira Letras*, v. 13, p. 49-60, 2011.
- COELHO, I. L. A trajetória de mudança dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ em Santa Catarina: análise de cartas pessoais (1880-1990). *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 5 Especial, 2019.
- COELHO, I. L.; GORSKI, E. M. A. variação no uso dos pronomes TU e VOCÊ em Santa Catarina. In: LOPES, C. L.; REBOLLO, L. *As formas de tratamento em Português e em Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais* Niterói: EDUFF, 2011. p. 263-287.
- CONDE SILVESTRE, J. C. C. *Sociolinguística Histórica*. Madrid: Editorial Gredos, 2007.
- COSTA, R. M. S. A alternância das formas pronominais tu, você e o(a) senhor(a) na função de sujeito no Português falado em Cametá-estado do Pará. *Revista de Letras*, Curitiba, v. 2, n. 35, p. 64-76, 2016.
- DAVET, J. C. T. *Estudo da concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis-SC: algumas implicações identitárias*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSC, Florianópolis, 2013.
- ECKERT, P. Age as a Sociolinguistic Variable. In: COULMAS, Florian (ed.). *The Handbook of Sociolinguistics*. Blackwell Publishing, 1998. Blackwell Reference Online, 28 December, 2007.

- FRANCESCHINI, L. T. A alternância dos pronomes tu e você na fala concordiense. *Interfaces*, Paraná, v. 12, n. 2, p. 72-84, 2021.
- GRANDO, V. *Formas de tratamento nas cartas de Harry Laus para Claire Cayron: uma análise sociolinguística*. Trabalho de Conclusão de Curso. UFSC. Florianópolis, 2016.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: Internal factors*. Cambridge: B. Blackwell, 1994.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. De Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Cardoso. Editorial Parábola, São Paulo, 2008.
- LIRA, Aline F.; SOUZA, L. F. M.; MELO, N. F. A variação no uso das formas de tratamento tu e VM^{CE}/você em Manaus na segunda metade do século XIX. *Working paper linguística*, Florianópolis, n.esp., p. 108-120, 2010.
- LOPES, C. R. S.; DUARTE, M. E. L. De Vossa Mercê a Você: A pronominalização de Nominais Nos Séculos XVIII e XIX. In: *XVII Encontro Nacional da Anpoll*, 2002, Gramado. Boletim Informativo 31 da Anpoll. Gramado: UFRS, 2002. v. 31. p. 335-335.
- LOPES, C. R. L. S.; DUARTE, M. E. L. De Vossa Mercê a Você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: Silvia Figueiredo Brandão; Maria Antónia Mota. (org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003, v. I, p. 61-76.
- LOPES, C. R. S. *Vossa mercê > você e Vuestra merced > usted: o percurso evolutivo ibérico*. Alfa (ILCSE/UNESP), São Paulo, v. 14, p. 173-190, 2004.
- LOPES, C. R. S. et al. In: LOPES, C. R. (org.). *História do Português Brasileiro. Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. São Paulo: Contexto, 2018, v. 4, p. 24-141.
- LOREGIAN-PENKAL, L. *Concordância Verbal com o pronome Tu na fala do Sul do Brasil*. Dissertação de mestrado: UFSC, 1996.
- LOREGIAN-PENKAL, L. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala do Sul do Brasil*. Tese de doutorado: UFPR, 2004.
- MARTINS, G. F. *A alternância tu/você/senhora no município de Tefé- Estado do Amazonas*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) –Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- MARTINS, S. A.; MARTINS, V. Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar do manauara: um estudo no panorama da variação pronominal do português do Brasil. *InterDISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies*, v. 3, n. 1, 2014.
- MODESTO, A. T. T. Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos – SP. *Revista Letra Magna*, São Paulo, n. 7, p. 1-27, 2007.
- NUNES DE SOUZA, C. M. Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: *Uma análise sociolinguística das formas de tratamento*. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFSC, Florianópolis, 2011.
- NUNES DE SOUZA, C. M. *A alternância entre tu e você na correspondência de florianopolitanos ilustres no decorrer de um século*. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSC, Florianópolis, 2015.

NUNES DE SOUZA, C. M. ; COELHO, I. L. O sistema de tratamento em Santa Catarina: uma análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX. *Revista do GELNE*, v. 15, 2013. p. 213-243. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9417>.

NUNES DE SOUZA, C. M.; COELHO, I. L. Caminhos para a investigação da alternância de pronomes de segunda pessoa em Santa Catarina. *LaborHistórico*, v. 1, p. 49-61, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.24206/lh.v1i1.4784>.

ROMAINE, S. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [1982].

RAMOS, M. P. B. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFSC, Florianópolis, 1989.

RAMOS, J. M. De nome a pronome: um estudo sobre o item senhor. *Caligrama: Belo Horizonte*, v. 16, n. 2, p.69-84, 2011.

ROCHA, P. G. *O sistema de tratamento do português de Florianópolis: um estudo sincrônico*. 2012. 336 f. Tese (Doutorado em Linguística) - UFSC, Florianópolis, 2012.

ROCHA, P. G. Qual forma você costuma usar para se dirigir a um amigo? A escolha de tratamento nas relações simétricas em Florianópolis/SC. *Work. Pap. Linguística*, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 190-202, 2015.

SILVA, S. C.; GONÇALVES, C. R. A variação *tu* e *você* no falar ressaquinense. *Caletrosópio*, Ouro Preto, n. especial, p. 87-100, 2018.

SOUZA, C. M. N. D.; COELHO, I. L. O sistema de tratamento em Santa Catarina: uma análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX. *Revista do GELNE*, Natal/RN, Vol. 15, 2013, p.191-216.

SOUZA, C. M. N. D; COELHO, I. L. Caminhos para a investigação de alternância de pronomes de segunda pessoa em Santa Catarina. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, Vol. 1, janeiro/junho, 2015, p. 49-61.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].